



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**TAMIRES DOS SANTOS LIMA**

**A REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA DO ARQUÉTIPO DA BRUXA NA SÉRIE DE TV  
*SALEM*: DIÁLOGOS INTERARTES ENTRE LITERATURA E AUDIOVISUAL**

**GUARABIRA  
2019**

TAMIRES DOS SANTOS LIMA

**A REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA DO ARQUÉTIPO DA BRUXA NA SÉRIE DE TV  
SALEM: DIÁLOGOS INTERARTES ENTRE LITERATURA E AUDIOVISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Inglesa.

**Área de concentração:** Literatura comparada.

**Orientador:** Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes.

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732r Lima, Tamires dos Santos.  
A representação histórica do arquétipo da Bruxa na série de tv Salém: [manuscrito] : diálogos interartes entre literatura e audiovisual / Tamires dos Santos Lima. - 2019.  
48 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes , Departamento de Letras - CH."  
1. Arquétipo. 2. Bruxa. 3. Salém. I. Título  
21. ed. CDD 418.02

TAMIRES DOS SANTOS LIMA

**A REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA DO ARQUÉTIPO DA BRUXA NA SÉRIE DE TV  
SALEM: DIÁLOGOS INTERARTES ENTRE LITERATURA E AUDIOVISUAL**

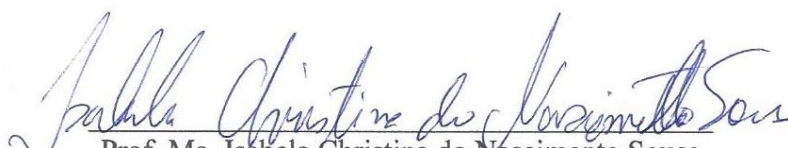
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena  
em Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciada em Letras com  
Habilitação em Língua Inglesa.


Área de concentração: Literatura comparada.

Aprovada em: 07/06/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ma. Isabela Christina do Nascimento Sousa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Jenison Alisson dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico essa nova conquista com muito amor e gratidão a minha família, e principalmente ao meu pai, Francisco Anselmo a quem tanto amo, que me deu todo suporte e incentivo, e suas palavras de apoio ao longo da graduação, e que hoje lhe dou esse orgulho. Essa vitória é nossa!

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de demonstrar a minha gratidão e alegria em meu coração, que aqui nestas páginas manifesto todo meu agradecimento, a todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui, meu muito obrigado.

Agradeço primeiramente ao Divino Pai Eterno, em quem eu creio. Obrigada por me conduzir com saúde, sabedoria e força, para superar as dificuldades encontradas ao longo dessa graduação, por ter me sustentado, porque não foi fácil.

Ao meu amado avô, o senhor é tão especial que é meu pai e assim será sempre, é graças a você que eu sou como sou, é por você que eu quero ser ainda mais e melhor. Obrigado por suas palavras de incentivos e consolo, um dia o senhor falou “você com tão pouco chegara longe”, nunca vou esquecer-me de suas palavras e o momento em que foram ditas, e o motivo, agradeço por tudo que você já fez e continua fazendo por mim. Eu te amo, meu avô, meu pai!

A minha querida mãe Maria de Lourdes, uma mulher lutadora e guerreira. Com um coração sempre generoso, e que sempre pensa em seus filhos. Eu aprendi tantas coisas importantes com a senhora, a mais importante delas foi agradecer a vida por tudo aquilo que ela coloca em nossos caminhos. Eu até hoje tenho uma felicidade enorme em saber que lhe dou orgulho, a senhora sempre fez questão de falar para todos que tinha uma filha em uma Universidade, e que um dia estará em sala de aula como professora. Obrigada mãe, por tudo que você foi, e é para mim. Eu te amo muito!

A minha amada avó Maria das Dores, que é uma mulher assim como minha mãe lutadora e guerreira, com um coração generoso, que me criou como se fosse sua filha, e que fez tudo o que podia. Estou grata por ter cuidado de mim, que sempre me incentivou a estudar e fez de tudo por isso, e que lhe dou orgulho. Eu te agradeço por existir na minha vida, que a senhora continue vivendo por muitos anos, que eu possa continuar tendo a senhora perto. E inevitável que o tempo passe, mas a senhora jamais sairá do meu coração. Eu te amo!

A meu amado, companheiro, namorado, amigo e esposo Aníbal Simões, com quem amo compartilhar a vida. Lembro que você foi a primeira pessoa para quem liguei para dizer que tinha sido chamada para o curso, você pediu para eu ficar calma e que tudo iria dar certo. Só você meu amor sabe o quanto duro eu dei e estou dando por essa graduação. E que muitas vezes lhe chateio, e às vezes é você que me chateia. Obrigado meu Bem, por aguentar tantas crises de estresse, de choros e ansiedade, pelo seu carinho, paciência e por sua capacidade de me trazer paz e felicidade na correria de cada semestre, não sei quantas vezes você me ajudou. Eu te amo, meu amor!

A meu padrasto Luís Severo que gosto tanto, que sempre me apoiou e esteve presente nesse tempo, você foi a pessoa que por mais de uma vez que me levou para fazer as provas de vestibular e Enem, e ficava lá esperando. Sempre foi bem cuidado. Es como um pai para mim. Obrigado por tudo!

Aos meus dois irmãos Wendell e Wasghinton Luís, por estarem tão presentes. Vocês são pessoas muito importantes na minha vida, nunca se esqueçam disso. E quanto ao amor que nos une, esse será sempre eterno.

A minha irmã caçula Thaynara, que apesar da nossa diferença de idade, de doze anos, mesmo assim estava e está presente em diversos momentos junto comigo. E pela Universidade quando precisava ir fazer algo e não queria ficar sozinha, você estava comigo. Obrigada por tudo, te amo, irmã-amiga!

Meus agradecimentos ao meu amado professor e orientador, Me. Auricélio Soares Fernandes, pelo suporte ao longo dessa graduação e nessa orientação, e por muitos períodos juntos. Você é um mestre maravilhoso, um ídolo, obrigada por proporcionar grandes leituras, por compartilhar sua sabedoria que é enorme, por sua dedicação com todos e compreensão. Você, professor encanta a todos; lhe tenho como inspiração. Todos sabem que sou sua fã, tenho orgulho de dizer que fui sua aluna. Gratidão por tudo, professor!

Gostaria de agradecer também ao professor Dr. José Vilian Mangueira, por ter compartilhado seu conhecimento e por ser tão bom professor, tenho lhe grande admiração.

A maravilhosa professora Ma. Isabela Christina, a quem tenho grande admiração como professora e mulher, obrigado por ter compartilhado sua sabedoria e alegria, eu sei que lhe abusei muito (risos).

Agradeço também aos professores como, Caio de Nóbrega, Luana Anastácia, Veronica Lima, Clara Vasconcelos, Paulo Vinícius e Caroline Estevam que ao longo desse curso contribuíram para meu aprendizado.

Agradeço ao meu querido amigo Eide Karlleicezar, que a todo momento me apoiou com suas palavras, e por estar sempre presente, por diversos momentos juntos pela Universidade e na vida, gosto muito de você, e você sabe disso.

A minha querida amiga Vanusa Marinho, que mesmo distante mandava mensagens de apoio sempre. Obrigado flor!

A Janailton Santos, que conheci na UEPB e que se tornou um grande amigo, obrigado por este presente e me incentivando sempre.

E aos meus colegas de sala, Ana Paula, Lidiane, José Tarcísio, Jeyse, Luceline, Paloma, Natália, Giovane, pelos bons momentos que dividimos durante quatro anos e quatro meses juntos.

A Jonas Meireles e José Wellington que eram meus parceiros e estávamos sempre unidos, para cima e para baixo. Obrigado rapazes!

E em especial a minha colega que se tornou uma amiga Aline Maria, que desde o terceiro período ficamos mais próximas, e que diversas vezes me ajudou, mas ela deu tanto trabalho. Obrigado Miga!

E como toda boa Bruxa, ao meu familiar chamado Dinho, meu gatinho.

Amo vocês e agradeço muito!

E enfim, agradeço aos professores desta Banca Examinadora, pela disponibilidade e a leitura do presente trabalho.



“Nunca deixe que lhe digam que não vale apenas, acreditar no sonho que se tem, ou que seus planos nunca vão dar certo, ou que você nunca vai ser alguém”.

(Renato Russo e Flávio Venturini, 1987).

## RESUMO

No presente trabalho abordamos a representação da figura feminina e sua relação com o arquétipo da bruxa. Trazendo a discussão do poder através das protagonistas na peça *As bruxas de Salém* (1953) do dramaturgo americano Authur Miller, no filme homônimo de 1996, e também na série televisiva *Salem* (2014-2017). O tema norteador da pesquisa está relacionado com a perseguição das pessoas acusadas de bruxaria, baseada no contexto histórico passado na época na região de Massachusetts-Estados Unidos. Dessa forma, temos por objetivo principal analisar o estereótipo da bruxa e a representação do poder feminino entre as protagonistas: Abigail Williams, na peça e no filme citados, e Mary Sibley, na série, procurando assim estabelecer um diálogo entre essas três personagens. Dessa forma, apontamos que nessas três mídias que analisamos, encontramos a presença do arquétipo da Grande Mãe e o arquétipo da bruxa, bem como a projeção do mito hebraico Lilith. Para o referido estudo utilizamos aporte teórico baseados nos estudos de Brait (2017); Cardoso (2014); Couto (2009); Estés (2014); Freud (2015); Insitoris; Heinrich (2015); Jung (2000); Murray (2003); Silveira (2015); dentre outros.

**Palavras-Chave:** Arquétipo. Bruxa. Salem.

## ABSTRACT

In this present work, we aim to approach the feminine figure and its relation to the archetype of the witch. Bringing the discussion of power through the protagonists in the play, *The Crucible*, (1953) by the American playwright Arthur Miller, in the 1996 homonym film and then in television series *Salem* (2014-2017). The theme is related with the persecution of the people accused of witchcraft, based on the historical context in the region of Massachusetts-United States. Therefore, we have by main objective to analyze the stereotype of the witch, and the representation of feminine power among the protagonists: Abigail Williams in the play and in the film and Mary Sibley in the series, seeking thus establish a dialogue between those three characters. Thus, we point that such three media that we analyze, we find the presence of the archetype of the mother goddess and of the archetype witch, well as the projection of the Hebrew myth of Lilith. For this purpose we use theoretical framework us study of Brait (2017); Cardoso (2014); Couto (2009); Estés (2014); Fleud (2015); Insitoris; Heinrich (2015); Jung (2000); Murray (2003); Silveira (2015); among others.

**Keywords:** Archetype. Witch. Salem.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 e 2</b> – Giles Corey é morto esmagado por pedras.....	26
<b>Figura 3</b> - Abigail Williams beija John Proctor.....	32
<b>Figura 4</b> - Abigail confessa que esteve com o Diabo.....	33
<b>Figura 5</b> - Mary entrega seu filho para o Diabo.....	36
<b>Figura 6</b> – Face de Mary como bruxa.....	37
<b>Figura 7</b> – Mary colocando o seu familiar em George .....	38
<b>Figura 8</b> – Abigail acusa Elizabeth de colocar agulha nela.....	40
<b>Figura 9</b> – As bruxas Essex dão poder a Mary.....	41

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 APONTAMENTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Sobre a representação feminina: algumas considerações .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 Apontamentos iniciais sobre o arquétipo da bruxa.....</b>	<b>19</b>
<b>2.3 A Inquisição na Europa e a Caça às Bruxas em Salem, EUA: fatos históricos .....</b>	<b>23</b>
<b>3 A REPRESENTAÇÃO DO ARQUÉTIPO DA BRUXA NA LITERATURA, CINEMA E SERIADO DE TV .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 As personagens da ficção .....</b>	<b>28</b>
<b>3.2 A representação da personagem de ficção no teatro, cinema e na série: relações de     diálogo.....</b>	<b>30</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho monográfico tem como objetivo principal estudar as representações da imagem feminina da personagem Mary Sibley, a partir da relação com o arquétipo da bruxa, e como este está representado na série de TV *Salem* (2014-2017). Para tal feito consideramos também comentar acerca do diálogo intertextual que esse seriado faz com outras duas formas artísticas anteriores ao seriado, a peça *As bruxas de Salém* (1953), de Arthur Miller e o filme homônimo, de 1996. Nesse contexto, elencamos como tema geral de nossa leitura a perseguição das pessoas acusadas de bruxaria, já que a peça se baseia no contexto histórico passado na época em Massachusetts (EUA).

Para início de discussão, apontamos que a peça teatral *As bruxas de Salém*, escrita em 1953 pelo dramaturgo norte-americano Arthur Miller, foi baseada em fatos históricos vivenciados em Massachusetts (EUA) que levaram a perseguição das bruxas de Salem a partir de fevereiro de 1692. Nesse texto dramático, uma personagem se destaca no tocante à representação da bruxa, que será discutida ao longo do trabalho: Abigail Williams, personagem fictícia cujos fatos abordados na trama da peça giram em torno.

Posteriormente em 1996, a peça de Miller foi adaptada para o cinema no filme homônimo *As bruxas de Salém*, com a direção de Nicholas Hytner e com roteiro escrito pelo próprio Arthur Miller, ainda vivo na época. Nessa adaptação fílmica também temos a presença da personagem Abigail Williams, que foi representada pela atriz norte-americana Winona Ryder. A personagem Abigail do filme converge em muitos pontos com aquela da peça de Miller; entretanto este não é nosso principal objetivo de análise e sim apontar que foi a partir das características dessa personagem que surgiu uma outra: a bruxa Mary Sibley, popularmente conhecida no seriado de TV *Salem*.

A série de TV *Salem*, que estreou no ano de 2014 no Estados Unidos da América, foi criada por Brannon Braga e Adam Simon e gravada pelo canal de TV *WGN America*. A série durou ao total apenas de três temporadas, sendo cancelada na terceira temporada no ano de 2017. A primeira e segunda temporadas tiveram treze episódios cada, e a terceira apenas dez. A série baseia-se nos julgamentos de pessoas acusadas de praticar bruxaria no vilarejo de Salem. Com ambientação do século XVII, a série investe em nuances híbridas de diversos gêneros ficcionais, que vão do sobrenatural, à ação, romance, drama e mistério. A protagonista analisada é Mary Sibley, que foi interpretada pela atriz britânica Janet Ruth Montgomery.

A maior problematização do presente trabalho se dá a partir da relação entre as personagens que têm uma grande influência na sociedade de Salem. Além disso, é a partir do poder feminino que estas protagonistas conseguem manipular os puritanos, fazendo com que outras pessoas do vilarejo sejam acusadas de bruxaria, e, conseqüentemente muitas delas são julgadas, torturadas e condenadas à morte. É relevante também apontar que essas personagens foram inspiradas a partir de documentos históricos sobre os eventos ocorridos em Salem, como apontaremos no decorrer dessa pesquisa.

A nossa proposta consiste em uma pesquisa de abordagem descritiva e interpretativa, uma vez que pretendemos descrever o modo como a representação da bruxa ocorre na peça, no filme e na série de televisão e o interpretamos sem intervir no seu entendimento. Para atingirmos nossos objetivos, utilizaremos referencial bibliográfico já publicado sobre os temas abordados, bem como as obras que constituem o nosso *corpus* de pesquisa, que posteriormente contribuirão para a edificação da nossa análise.

O nosso material de apoio teórico e crítico-interpretativo será fornecido através de conceitos dos estudos da crítica literária, estudos do audiovisual e estudos culturais, com ênfase nas representações ficcionais que esses personagens apresentam nas narrativas contemporâneas. No caminhar da pesquisa, também faremos uso do método de abordagem indutiva, pois “partimos de algo particular para uma questão mais ampla, mais geral” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 47), uma vez que “o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 46).

Nosso trabalho está dividido em dois capítulos, subdivididos em subcapítulos, com a finalidade de especificar nosso objeto de estudo. No capítulo II, apresentaremos alguns apontamentos sobre a representação feminina e de como a mulher está ganhando espaço e poder em uma sociedade dominada pelo patriarcado, assim como a presença da imagem da bruxa está presente nesse meio. Em seguida apresentaremos algumas considerações sobre o conceito do arquétipo a partir de conjecturas de cunho psicanalítico de Gustav Jung (2000), dialogando como essa concepção está presente no indivíduo e nas imagens coletivas que os arquétipos circulam na sociedade.

Nesse mesmo capítulo, também levantaremos algumas discussões sobre os eventos históricos da Santa Inquisição e suas conseqüências nos países da Europa, assim como sua repercussão no século XVII na cidade de Salem, quando ocorreu a denominada Caça às Bruxas, e de como esse momento histórico está relacionado à figura feminina que abordaremos nesse trabalho.

No capítulo III, seguiremos para uma análise do papel das personagens da bruxa no teatro, no cinema e por fim na narrativa seriada, quando realizaremos uma análise comparativa entre as protagonistas desses três tipos de mídia, ligando-as aos estudos do arquétipo e da representação feminina.

Assim, esperamos que esta pesquisa contribua para outros futuros estudos sobre os temas da representação da bruxa e do feminino, principalmente sobre os estudos da televisão, campo acadêmico em crescente discussão na contemporaneidade. Esperamos também apontar outras discussões sobre como pensamos a personagem da bruxa clássica, geralmente vista como velha e feia nos contos de fadas e em muitos filmes da Disney.



## 2 APONTAMENTOS TEÓRICOS

### 2.1 Sobre a representação feminina: algumas considerações

A mulher em todo o tempo sofreu opressão. Durante décadas elas foram dominadas pela sociedade patriarcal e pelo poder da Igreja, privando-as de seus direitos. Entretanto, alguns direitos só foram atingidos diante de reivindicações de mulheres que desejavam (e desejam até hoje) igualdade perante o gênero masculino. Ao longo do tempo, através de lutas sociais, algumas mulheres conseguiram obter direitos, como o de estudar, melhores condições de trabalho, direito ao divórcio, e principalmente o direito ao voto, fato que ocorreu depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) em alguns países.

Num primeiro momento, a luta feminista foi exposta durante a designada primeira onda do movimento feminista, entre os séculos XIX e XX. No denominado sufrágio feminino, muitas mulheres lutaram por seus direitos sociais, e um dos mais importantes direitos questionados no movimento foi o direito ao voto. Essas mulheres ficaram mais conhecidas como as sufragistas, primeiras ativistas do feminismo do século XIX. De acordo com Pinto:

A chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o do voto. As *sufrajetes* [...] promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome (PINTO, 2010, p.15).

Um importante retrato da luta feminista exposta acima por Pinto (2010) é refletido no filme *Suffragette* (As Sufragistas), de 2015. Nesse contexto, cabem as palavras de Márcia Tiburi (2018) através de discussões sobre feminismo e lutas das mulheres: “o feminismo nos leva à luta por direitos de todas e todos. Todas porque quem leva essa luta adiante são as mulheres” (TIBURI, 2018, p.11). Assim, o feminismo tem como objetivo principal o desejo e a luta pelos direitos daqueles que estão em uma sociedade dominada pelo poder do patriarcado.

Adicionamos as considerações de Michelle Perrot (2017, p.16-17), que afirma que “porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que por muito tempo merecia interesse e relato, elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis”. Essa invisibilidade social da mulher foi por muito tempo enraizada na dominação patriarcal em muitos países do mundo e embora hoje tenhamos alguns avanços no tocante à liberdade e direitos adquiridos, muitas mulheres ainda são submetidas ao

patriarcado, tendo apenas os objetivos de casar, ser mãe, dona do lar, e servir para prazeres sexuais do homem, como na Arábia Saudita nos países do Oriente Médio.

Em se tratando do contexto artístico, a representação feminina vem ganhando espaços de destaque no cinema, na TV e na literatura, onde têm se mostrado cada vez mais representado por mulheres fortes e independentes que lutam contra o poder patriarcal. Como exemplo disso temos seriados contemporâneos como *Penny dreadful*, *American horror story*, *O conto da Aia*, *O mundo obscuro de Sabrina* entre outros, em que muitas personagens femininas encarnam o arquétipo de mulher selvagem, como a bruxa.

Na psicanálise, o poder feminino se origina do arquétipo do *animus* na definição clássica jungiana, que é a força da alma nas mulheres, e também é considerado a fonte de revitalização delas. Lembrando que *anima* é a personalidade feminina no homem, no seu inconsciente, enquanto o *animus* é a personalidade masculina na mulher. Mas Estés (2014) discorda dessas afirmações e chega à conclusão que a fonte de revitalização da mulher não é masculina e alheia a ela, mas feminina e bem conhecida:

O *animus* pode ser compreendido melhor como no mundo objetivo. O *animus* ajuda a mulher a expor seus pensamentos e sentimentos íntimos e específicos de um modo concreto – em termos emocionais, sexuais, financeiros, criativos e outros – em vez de expô-lo numa imagem que se modele de acordo com um desenvolvimento masculino padronizado numa determinada cultura (ESTÉS, 2014, p.254).

Por outro lado, em algumas religiões a figura feminina é representada como o mal, sedutora e pecadora, pois foi derivada de Eva que conspirou com a serpente, se desviando dos planos de Deus no Jardim do Éden. Além disso, um mito hebraico conhecido por poucos, mas também relacionado à criação é

A história de Lilith, a primeira companheira bíblica de Adão, cujos traços a consciência coletiva apagou, distraidamente, no tempo incomensurável em que se representa a história do homem. É a história de um incubo, de um sonho, ou então é a história da mais inquietante imagem derivada do arquétipo da Grande Mãe. [...] Assim, uma reflexão sobre o "feminino", sobre o instintivo, sobre as remoções e as cisões do arquétipo da alma, pode ser empreendida por um caminho que, embora não previsível, está bem distante da *ars medica* que quer encerrar novamente o imaginal naquela dimensão positivista-racional, apertada, da qual tanto nos custou poder sair (SICUTERI, 1985, p.4).

De acordo com o mito hebraico, Adão e Lilith são criados por Deus do mesmo pó da terra. Sendo assim, Lilith seria a primeira mulher criada, antes de Eva. Porém, durante os atos sexuais Lilith não aceitava ficar por baixo de Adão, querendo então trocar de posição, Adão nega os desejos de Lilith, pois ela deveria ser submissa a ele. Lilith, não aceitando ser

submissa, e irritada com tal submissão, foge do Éden. Deus então envia anjos para tentar convencer Lilith de suas atitudes, mas ela se recusa a ser submissa a Adão. Depois disso, Lilith vai para o Mar vermelho onde habitam demônios e, segundo a tradição hebraica, ela se torna um demônio.

Assim, Deus cria Eva para ser a nova esposa de Adão. Ao contrário de Lilith, ela aceita ser submissa. Quando Eva comete o pecado de comer o fruto proibido, a serpente é identificada como um demônio, que é atribuída a Lilith. O mito de Lilith está presente em algumas culturas, como as lendas mesopotâmias, a liturgia acadiana, crenças israelitas, culturas babilônicas, nas mitologias romana e grega (SICUTERI, 1985). A partir deste momento a figura do feminino é considerada maligna, que causa vários males de diversas formas. A personificação da *anima* como Eva (Hebraico), Heródíade (Israel), Diana (Grego), Hécate (Grego), Vênus (Romana), Artêmis (Grego), Medeia (Grego), sereias e bruxas, são personagens femininas que representam e trazem o mal. Na projeção da *anima* criada pelos homens, elas seriam sedutoras, belas, entidades maléficas, vingativas e persuasivas.

A representação do estereótipo da bruxa está presente no nosso consciente através dos contos de fadas nos séculos XX e XXI nas mais diversas adaptações fílmicas destes na Disney, que retratam a bruxa, em sua maioria, como uma velha com uma verruga no nariz e um caldeirão, e que sempre fazem o mal como em *Branca de Neve e João e Maria*. Mas as bruxas também são representadas como mulheres de grande poder de magia e beleza, através dos atributos das deusas que tinham traços sombrios e ameaçadores, como Ártemis (Diana), Hécate, Perséfone e também na mitologia, como Medusa e Medéia. No contexto mais contemporâneo, apontamos que a bruxa também é retratada como sujeitos detentores de poder e dominação como a personagem Mary Sibley, da série televisiva *Salem*.

Esse poder, segundo Cabot (1992), vem dos sábios que praticavam magia com o objetivo de cura; ou seja, os curandeiros, que podiam também diagnosticar doenças. Na Idade Média, esse ato também começou a ser praticado por mulheres, o que posteriormente as levou à perseguição religiosa, uma vez que apenas os médicos poderiam deter essa prática. O teórico afirma que essa perseguição às bruxas tenha ocorrido devido ao fato da Igreja Católica julgar e negar o saber feminino “as energias da natureza e da humanidade para promover a cura, o crescimento e a vida” (p.26), mudando a ordem dos ciclos da natureza, da vida e da mente através dos conhecimentos antigos.

Todavia, de acordo com os teóricos Kramer e Sprenger (2015, p.214-223), para ter poder todas as bruxas faziam um pacto com o Diabo, por meio do qual renunciavam a fé católica. Para os autores, as bruxas eram divididas em três categorias: as que curam e

injuriam; as que injuriam, mas não curam; e as que eram capazes de curar tão somente. Com o pacto, as bruxas ganhavam poderes em troca de sua alma, como feitiço, transformação em animais, capacidade de cura e de se transformar em outras bruxas.

É a partir das considerações apontadas acima por Kramer e Sprenger (2015) que vamos analisar posteriormente a personagem ficcional Mary Sibley, de *Salem*. Na série, Mary faz pacto com o Diabo, ganhando assim poderes mágicos e expondo seu caráter de mulher selvagem. Mas antes de adentrarmos nas discussões sobre essa personagem, é relevante apontarmos algumas considerações históricas sobre a cidade de Salem no século XVII e como esses foram adaptados na personagem de Mary Sibley, mais adiante.

## **2.2 Apontamentos iniciais sobre o arquétipo da bruxa**

O conceito do arquétipo surgiu na psicologia a partir das teorias de Carl Gustav Jung. De acordo com Jung (2000) existem dois complexos, estes são amontoados de ideias que apresentam forte valor emocional e que se organizam em torno de um arquétipo. Os complexos são experiências pessoais que podem ser totalmente inconscientes ou conter material consciente e inconsciente. Assim, esses complexos são caminhos que podem nos levar ao inconsciente, através de sonhos, atitudes; mas seus efeitos podem ser negativos.

O complexo está relacionado ao inconsciente pessoal de tonalidade da vida psíquica. Como aponta Jacobi (2016, p.31): “todas as pessoas têm complexos; estes constituem a estrutura da parte inconsciente da psique e pertencem às manifestações normais da psique, seja qual for o seu estado”. O complexo do inconsciente pessoal está ligado à vida individual do sujeito, localizado em experiências emocionais, traumas e frustrações, desde os primeiros anos de vida e são esquecidos ou reprimidos pelo inconsciente. Ainda, Jung (2000, p.16) adiciona que “os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica”, sendo assim cada pessoa tem seu inconsciente único.

O complexo do inconsciente coletivo, que não é natural do indivíduo, mas sim de forma universal, são ensinamentos ou noções que nos foram passadas de geração para geração, como as histórias, a nossa cultura, crenças etc. Por outro lado, o coletivo é chamado de arquétipo e, da mesma forma existe em cada indivíduo.

Os conteúdos do inconsciente pessoal são percebidos como pertencentes à psique própria, enquanto os conteúdos do inconsciente coletivo parecem estranhos, como se viessem do exterior. A reintegração de um complexo pessoal tem um efeito de alívio

e muitas vezes diretamente de cura, ao passo que a irrupção de um complexo do inconsciente coletivo é um sintoma muito desagradável e até mesmo perigoso. O paralelismo com a crença primitivas em almas e espíritos é clara. As almas dos primitivos correspondem aos complexos autônomos do inconsciente pessoal; e os espíritos aos complexos do inconsciente coletivo (JACOBI, 2016, p.34 apud JUNG, p.298).

Sendo assim, o inconsciente coletivo é derivado dos nossos ancestrais e os arquétipos estão presentes nesse coletivo, que são tipos primordiais, arcaicos, imagens que existiram em todo tempo e lugar, como exemplo a imagem de Jesus Cristo - símbolo Católico. Portanto:

Os arquétipos são, por definição, fatores e temas que ordenam elementos psíquicos, formando determinadas imagens (a ser designadas como arquetípicas), mas de uma maneira que só podem ser reconhecidos pelos efeitos que produzem. Eles existem preconsciousmente e, supostamente, formam os dominantes estruturais da psique em geral [...]. Como condições *a priori*, os arquétipos representam o caso especial psíquico do “padrão de comportamento” familiar ao biológico e que empresta a todos os seres vivos seu tipo específico. Assim como as manifestações desse plano básico biológico podem se alterar no curso do desenvolvimento, as do arquétipo também o podem. Empiricamente, contudo, o arquétipo nunca surgiu dentro do alcance da vida orgânica. Ele entra em cena com a vida (JACOBI, 2016, p.43-44).

Logo, os arquétipos são elementos que se originam a partir das tendências inatas, tendo como base o plano biológico; todo arquétipo se desenvolve de forma autônoma e com personalidade própria em cada indivíduo, sendo que cada pessoa pode trazer alguns dos arquétipos, como Jung (2000) apresenta alguns em seus estudos, como: *Anima*, *Animus*, Velho Sábio, A Grande Mãe e a Sombra.

O conceito de arquétipo não é unicamente utilizado pela psicologia do inconsciente. Outros estudos em diversas áreas do conhecimento também já foram desenvolvidos, “dentre eles Joseph Campbell e Northrop Frye partem de um caráter mitológico e Eleagar Mosséievitch Meletínski, de uma abordagem temática para trata do arquétipo em diversos contextos, como o cultural e o artístico” (SILVEIRA, 2015, p.36). Dessa forma, os arquétipos se tornam conhecidos através de tempos imemorráveis, pelo meio de mitos, os contos de fadas, lendas, e nas religiões.

Como já discutimos antes, os arquétipos são imagens primordiais que se configuram desde o desenvolvimento mais primitivo da psique. Sendo relacionadas através de símbolo e imagem, a projeção é a manifestação do arquétipo em cada ser. As imagens seriam projetadas como as lendas, os mitos, entre outros, sendo capazes de concentrar modos de comportamentos humanos através de uma imagem global. Porém, “o símbolo é, portanto, uma espécie de mediador entre a incompatibilidade de consciente e inconsciente, entre o oculto e o manifesto. Não é nem abstrato nem concreto, nem racional nem irracional, nem real nem

irreal: é sempre ambos” (JACOBI, 2016, p.116-117). Assim como a imagem, o símbolo se manifesta através do arquétipo: exemplos de símbolos abstratos são visualizados pela psique em formas de figuras, imagem, objetos, como uma bola, uma cruz etc., e símbolos concretos como formas humanas, animais. Já os símbolos coletivos são mostrados pela mitologia dos povos.

Dentre os arquétipos que inicialmente estudamos para o desenvolvimento dessa pesquisa, focaremos apenas na projeção *anima* e da Grande Mãe, que é decorrente das imagens coletivas contidas em lendas, mitos, bem como nos símbolos culturais e religiosos da história da humanidade, como deuses e os demônios que são projetadas pelos sonhos. “Por sua própria natureza, sonhos arquetípicos são primordialmente representações de um mundo interior, puramente psíquico e não de um mundo exterior, concreto” (JACOBI, 2016, p.156).

O conceito de *anima* é relacionado aos aspectos femininos, mostrando também o lado feminino no homem, seu lado emocional, sendo psicologicamente bissexual, tendo um lado masculino e outro feminino. Esse lado feminino dos homens tem sua origem no inconsciente coletivo, onde muitos não se sentem seguros em mostrar esse lado emocional. Além disso, a *anima* são as experiências que os homens tiveram com as mães, irmãs, companheiras e filhas, formando assim a imagem da mulher. Mas,

Embora pareça que a totalidade da vida anímica inconsciente pertence à *anima*, esta é apenas um arquétipo entre muitos. Por isso, ela não é a única característica do inconsciente, mas um de seus aspectos. Isto é mostrado por sua feminilidade (...), a imagem da *anima* é geralmente projetada em mulheres” (JUNG, 2000, p.36).

Posteriormente, Jung (2000) cita um exemplo dessa projeção: “para os homens da antiguidade a *anima* aparece sob forma de deusa ou bruxa, por outro lado, o homem medieval substituiu a deusa pela rainha do céu e pela mãe” (p.38). Outro exemplo que podemos mencionar são as sereias, seres mágicos e femininos, como as ninfas que assumem diversas formas e as bruxas, como Lilith, Hécate e Medéia e tantas outras que se tornaram populares nos contos de fadas, nas lendas orais e escritas, no cinema, nos desenhos animados e mais contemporaneamente nos seriados de televisão.

A Grande Mãe provém da história das religiões como uma deusa-mãe, que desperta as experiências dos seus ancestrais. A Grande Mãe é a projeção arquetípica materna; apresentando pontos positivos e negativos, sendo elas genitoras e matriarcas. Seu ponto positivo é a da fertilidade e/ou a nutrição, enquanto seu ponto negativo é o poder de destruição, bastante presente nos mitos, lendas e crenças religiosas que simbolizam a Grande

Mãe. Acredita-se que a figura da bruxa possui base arquetípica nos níveis individual e coletivo, pois sua imagem está relacionada ao inconsciente do homem que passa a imagem para o nível do consciente por meios de imagens arquetípicas. De acordo com Silveira:

Esta imagem feminina malévola construída com atributos que a aproximam, em maior e menor grau, da figura da bruxa, remete a um conjunto de elementos míticos presentes no imaginário coletivo que a consolidam com um arquétipo. Dessa forma, a figura arquetípica da bruxa pode ser encarada como a projeção/manifestação de um arquétipo maior: A Grande Mãe (SILVEIRA, 2015, p.44).

A figura da bruxa está presente em diferentes culturas desde a antiguidade e também se tornou popular na literatura e em outras formas artísticas. Em sua maioria, a imagem da bruxa é projetada como mulheres que fazem o mal, que são feias e velhas, e as vezes muito bela, mas perigosa. Essas noções coletivas nos foram e são passadas de geração em geração. Podemos mencionar também a perseguição às bruxas, evento que contribuiu coletivamente para pensarmos a bruxa como um indivíduo que compactua das forças do mal. Por outro lado, Silveira (2015) afirma que na literatura fantástica a bruxa não é manipulada; antes de tudo ela que manipula e possui domínio sobre o mundo sobrenatural por meios de práticas, rituais e o uso do seu conhecimento. Assim,

A bruxa é construída nos imaginários coletivo como uma mulher independentes, portadora de saberes ocultos, controladora, manipuladora, persuasiva, capaz de controlar poderes relacionados com elementos da natureza, como água, a terra, o fogo, e o ar, algumas personagens possuem apenas alguns traços desse arquétipo, outras são essencialmente configuradas com seus elementos fundamentais (SILVEIRA, 2015, p.52).

Portanto, o arquétipo da bruxa é expresso através de personagens femininas simbólicas, pois suas representações são capazes de estar no inconsciente e trazem os pontos positivos e negativos da Grande Mãe, uma vez que elas são produtivas com os elementos da natureza, como as curandeiras e as parteiras, mas também projetam pontos negativos sendo ameaçadoras, tentadoras e demoníacas. A representação da bruxa também está relacionada à mulher selvagem e independente, e aos atributos femininos como o sexual e a sabedoria. No livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo*, Clarissa Pinkola Estés (2014) propõe importantes discussões a partir de contos de fadas associados ao arquétipo da mulher selvagem, ligados também ao arquétipo da Grande Mãe. Estés (2014) questiona:

E então, o que é a Mulher Selvagem? Do ponto de vista da psicologia arquetípica, bem como pela tradição das contadoras de histórias, é a alma feminina. No entanto, ela é mais do que isso. Ela é a origem do feminino. É tudo o que for instintivo, tanto do mundo visível quando do oculto – ela é a base. Cada uma de nós recebe uma cédula refulgente que contém todos os instintos e conhecimento necessário para a nossa vida (p. 26).

Nas palavras de Estés (2014), o arquétipo da mulher selvagem estaria presente em cada mulher desde tempos imemoráveis. É nesse contexto que pretendemos discutir o arquétipo da bruxa e suas representações em três mídias diferentes: *As bruxas de Salém* (1953), peça do dramaturgo norte-americano Arthur Miller, a adaptação fílmica dessa peça para o cinema, através do filme homônimo de 1996, e mais recentemente a série televisiva do canal WGN America, *Salem* (2014-2017).

Não é nosso objetivo discutir as relações intertextuais entre essas três formas artísticas, tampouco levantar questões sobre a adaptação fílmica ou para a televisão da peça de Miller (1953), mas sim propor reflexões sobre o arquétipo da bruxa através de discussões históricas sobre os fatos ocorridos no século XVII e que culminaram na Caça às Bruxas de Salem, Massachussets, Estados Unidos. Defendemos também que esse ocorrido foi importante para pensarmos como o inconsciente coletivo assimilou a figura da bruxa no ocidente, em específico na América.

### **2.3 A Inquisição na Europa e a Caça às Bruxas em Salem, EUA: fatos históricos**

Segundo Couto (2009), a Inquisição começa na Idade Média da Europa (entre os séculos V e XV) e foi iniciada pela Igreja Católica Romana, através de tribunais que perseguiram, julgavam e puniam aqueles que se afastavam das normas da doutrina religiosa católica. Mais conhecida como “Santa Inquisição”, esse evento se iniciou durante o papado de Gregório IX, que mandou investigar suspeitos de heresia. De acordo com o dicionário da Língua Portuguesa, heresia significa “Doutrina contrária aos dogmas da Igreja” (RIOS, 2007, p.312) ou seja, tudo que não se adequava à crença cristã.

A Inquisição obteve sua formalização em 1233 por decreto papal. Nos séculos seguintes, heréticos e bruxos conheceram a fúria dos inquisidores e dos tribunais que eles formavam. E essa prática estendeu-se para outros países além da Itália, como Alemanha, onde o imperador Frederico II lançara campanha semelhante, na qual a tarefa de lidar com os hereges era dos oficiais seculares, que terminaram por ajudar, mais tarde, os representantes da Igreja. Também na Espanha havia uma inquisição independente, estabelecida pelos reis Fernando e Isabel em 1478, que perseguiu mouros, judeus, heréticos e bruxos, estes últimos mais esporadicamente. Lá, a inquisição durou até 1834, sempre sob o controle dos reis espanhóis (COUTO, 2009, p.47).



Infelizmente, esse evento tornou-se um marco na história do Ocidente em que a perseguição e a tortura eram consideradas práticas normais, principalmente pelo fato dos perseguidos e torturados sequer ter chances de se defenderem das falsas acusações de “bruxaria” e outros crimes considerados heréticos aos olhos da Igreja. Pelo contrário, as formas de tortura eram tão violentas que muitos acabavam confessando que faziam uso da prática de bruxaria, mesmo sem a praticar.

No famoso livro *O martelo das feiticeiras* ou *Malleus Maleficarum*, Kramer e Sprenger (2015) expõem os motivos e sintomas daqueles que eram acusados de bruxaria: sacrifícios ao demônio, pacto com o diabo, imagens de cera, inversão de símbolos cristãos, feitiços, práticas de quaisquer outras doutrinas contra Deus, superstições, adivinhação, necromancia, astrologia, blasfemar contra a fé verdadeira (ou seja a Cristã), o poder maléfico de preservar o silêncio, entre outros.

Durante a Inquisição, a mulher era ainda mais excluída do contexto social cristão. Nas palavras de Cardoso (2003), a Igreja exacerbava um anti-feminismo, defendendo que “a mulher e os judeus eram considerados perigosos agentes do Diabo, alvos preferenciais da sermonária<sup>1</sup> recheada de ‘exempla’ ” (p. 23), pois para a Igreja a mulher era derivada de Eva, sendo assim algo retratada como mal. De fato, essas situações apenas aumentaram as condições de subalternidade das mulheres, bem como viam aquelas que praticavam bruxaria como sinônimos de heresias e ameaças à fé Católica. O autor ainda afirma que “o olhar crítico e pouco favorável com que ao longo dos séculos a mulher foi vista pelo homem e pela Igreja não poderia deixar de influenciar em todo esse contexto histórico social” (p.56). Cardoso (2003), ainda afirma, em bases históricas, que a Inquisição foi:

[...] Estabelecida na Espanha em 1478, pela bula *Exigit sinceræ devotionis affectus* e posteriormente em Portugal, a Inquisição visava combater o judaísmo, maometismo, protestantismo, erasmismo, alumbradismo, e também blasfêmias e palavras escandalosas, manifestações contra o dogma, juízos contra a Igreja como instituição, formulações de conteúdo erótico-sexual, bigamia, sodomia, superstição, feitiçaria e solitação (p.56).

A “Santa Inquisição” foi um fenômeno que não ficou restrito a um só país. A Europa, de certa forma, foi o marco inicial que lançou as bases eclesiásticas exigidas pela Igreja, mas a Inquisição também superou distâncias continentais, chegando até a América do Norte “na cidade de Salem, no estado norte-americano de Massachussets (região nordeste dos Estados

---

<sup>1</sup> Autora de sermões. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/sermonaria-2/>>. Acesso em: 25 maio 2019.

Unidos) ” (COUTO, 2009, p.70), cidade considerada com a maior Caça às Bruxas realizada fora da Europa.

Segundo Couto (2009), toda a história por trás de Salem começa na casa do reverendo Samuel Parris, em janeiro de 1692, quando se iniciou umas das primeiras ondas de histeria coletiva feminina, “os sintomas eram mais do que os chefes locais poderiam suportar e, receosos de intervenção demoníaca, reuniram um grupo que entrevistou as meninas [Elizabeth e Abigail Williams]” (p.74). De acordo com Freud e Breuer (2016), a histeria é uma doença psíquica que se caracteriza por traumas e esconde a origem do seu sofrimento no inconsciente, essa enfermidade pode apresentar sintomas como ataques de pânico com sintomas físicos, contrações e paralisias, convulsões epileptoides, vômito contínuo e anorexia, e os mais variados distúrbios da visão, alucinações visuais. O tratamento dessa patologia pode ser dado através da psicoterapia e medicações. A histeria, geralmente ocorre de forma individual, mas existem casos coletivos.

Vemos esses sintomas nas garotas, Betty Parris e Ruth Putnam na peça e no filme *As bruxas de Salém*, mas essas manifestações não são tratadas como doença e nem ao menos com remédios: os líderes religiosos e a sociedade puritana atribuíram tudo a obras do Diabo.

Os acontecimentos que levariam o vilarejo a escrever tristes capítulos na história norte-americana são relatados no livro *The witchcraft trials in Salem (Os julgamentos de bruxaria de Salem)* (RANGEL, 2011, p.42), que conta histórias, ao lado de documentos dos eventos que sucederam a Caça às Bruxas dos Estados Unidos. Entre elas, temos a história de Betty Parris, de nove anos, que junta com Abigail Williams, de onze anos, adoecem repentinamente com sintomas psicológicos atribuídos à histeria. Logo, o médico Dr. Griggs é chamado ao vilarejo para verificar as meninas, mas não consegue explicar o que estava acontecendo com as garotas, afirmando que elas tinham recebido uma educação puritana e estavam sofrendo ataques e gritando blasfêmias.

Para aquela sociedade puritana do final do século XVII, meninas que apresentassem esses sintomas seriam consideradas acometidas pelo sobrenatural, e assim a falácia sobre possíveis casos de bruxaria tornam a cidade de Salem a cidade mais famosa da América, caso que se torna ainda mais infame quando outras amigas de Betty, como Ann Putnam, filha de um respeitador morador de Salem, também começa a apresentar esses sintomas.

Mas, “pressionadas pelos ministros e pela população, Betty Parris e Abigail Williams, identificam Tituba como causadora de suas aflições, e depois acusam Sarah Good e Sarah Osborne de bruxaria” (RANGEL, 2011, p.44). Tituba era a empregada da casa do Reverendo

Parris. Depois disso as meninas começaram a acusar mais pessoas. Cabot (1992) cita os nomes das pessoas que foram julgadas:

Os primeiros julgamentos começaram em junho, e Bridget Bishop foi a enforcada depois de ter ficado encarcerada desde abril. Os acontecimentos sucederam-se com rapidez. Em julho, Rebecca Nurse, Sarah Good, Elizabeth How, Sarah Wild e Susanna Martin foram enforcadas. Os julgamentos de agosto consideraram culpados John Willard, John e Elizabeth Proctor, George Jacobs, Martha Carrier e o Reverendo George Burroughs. Todos foram executados, exceto Elizabeth Proctor, que estava grávida e teve sua execução suspensa até nascer o bebê. Os julgamentos de setembro mandaram para forca Martha Cory, Alice Parker, Ann Pudeator, Mary Esty, Margaret Scott, Mary Parker, Wilmot Redd e Samuel Wardwell. O marido de Martha Corey, Giles teve morte por esmagamento sob peso de pedras (CABOT, 1992, p.91-92).

Giles Corey, de 80 anos, foi acusado por Ann Putnam, Mercy Lewis e Abigail Williams, e foi esmagado por pedras colocadas em cima do seu peito. Esse fato histórico é mostrado a seguir em uma cena do filme *As bruxas de Salém* e na série *Salem*:

**Figura 1 e 2** – Giles Corey morto esmagado por pedras



**Fonte:** *print* do filme *As bruxas de Salém* (1 hora e 36 minutos) e *print* da série *Salem* (E01T01 48:56 minutos)

No filme *As bruxas de Salém* (1996), o personagem Giles Corey foi morto por omitir o nome do homem que acusou Putnam de mandar sua filha acusar outras pessoas de praticar bruxaria. Já na série, Giles Corey é o primeiro a ser acusado por praticar bruxaria por Mercy Lewis, fato que o leva à prisão, e posteriormente à tortura para que assumam o crime de bruxaria. Em ambos, filme e seriado, esses dois personagens preferem não falar nada, apenas mandam colocar mais pedras, fato que os conduzem à morte.

Além desses citados acima, houve dezenas de pessoas acusadas de bruxaria e 25 delas foram mortas em Salem, número pequeno comparado às que sofreram na Europa. Diante de tanto horror presenciado na cidade, o governador Williams Phipps, em 29 de outubro de 1692,

desfaz *The court of oyer and terminer* (*O tribunal de ouvir e determinar*)<sup>2</sup> encerrando a Caça às Bruxas em Salem, pois todos achavam que a situação já tinha passado do limite. Em maio de 1693, Phipps emite uma ordem para soltar todos que ainda estavam presos acusados de bruxaria (RANGEL, 2011), dando fim ao episódio que durou de janeiro de 1692 a maio de 1693.

Esses acontecimentos ocorridos em Salem resultaram nas condições do desenvolvimento de uma verdadeira histeria que foi, sobretudo, provocada por questões sociais, religiosas e políticas, com a questão das colônias; o local, a ignorância e o poder da Igreja em uma pequena Vila (COUTO, 2009). Dessa forma, o que aconteceu em Salem esteve relacionado a vários fatores e as condições religiosas foram o ponto culminante para o aparecimento de uma histeria generalizada.

Esse episódio real, além de ter sua importância histórica na formação do povo americano a partir da colonização puritana, tornou-se popular no nosso imaginário contemporâneo. Hoje, histórias, lendas, fatos e ficções que rondam Salem, como local geográfico e como símbolo da cultura patriarcal puritana, serviram e têm servido de inspiração para a cultura de massa através dos mais variados gêneros de ficção. E por esse fato a cidade de Salem e todo o imaginário sombrio que ronda a história americana é inspiração de diversos filmes e seriados de televisão, bem como referência à bruxaria moderna. Como exemplo disso temos a peça de Arthur Miller e o filme *As bruxas de Salém*, que mesclam fatos e ficção dos eventos da Salem puritana.

Ainda, no filme *Sabrina, aprendiz de feiticeira* (1996), temos o gato preto Salem, animal de estimação da personagem principal que faz referência à cidade norte-americana. Sem citar o seriado contemporâneo *O mundo sombrio de Sabrina* (2018), uma nova adaptação da série e do filme dos anos 1990 citado acima, que reimagina a jovem bruxa Sabrina dividida entre o mundo das trevas e o mundo dos humanos. Temos também a série *Salem* (2014-2017) que faz referência ao próprio nome do vilarejo e também a alguns acontecimentos históricos, como iremos discutir mais adiante. Outros seriados contemporâneos como *American horror story*, cuja terceira temporada intitulada *Coven* diretamente se refere a um clã de bruxas e *Supernatural* (*Sobrenatural*), em que diversos episódios vemos referências a Caça às Bruxas e a eventos históricos de Salem.

---

<sup>2</sup> Uma tradução parcial da frase anglo-francesa “oyer et terminer” que significa “ouvir e determinar”. Disponível em: < <https://www.legendsofamerica.com/ma-salemcourt/3/>>. Acesso em: 25 maio 2019.

### 3 A REPRESENTAÇÃO DO ARQUÉTIPO DA BRUXA NA LITERATURA, CINEMA E SERIADOS DE TV

#### 3.1 As personagens da ficção

Personagens são criados para a ficção. Eles podem ser humanos, animais, sobrenaturais e permeiam o mundo artístico do teatro, literatura, cinema, seriados, programas de TV e outros meios. Os personagens só existem na ficção e na representação mental do leitor e do espectador, pois é sempre diferente da pessoa real, mesmo a obra se baseando na realidade. Essas figuras da ficção podem ser interpretadas como o herói e vilão, e “assim como seus criadores, não param de se multiplicar” (BRAIT, 2017, p.9), integrando “o jogo artístico, literário que entrelaça criador, criatura e todos aqueles que se envolvem com eles, vivenciando-os, amando-os, odiando-os, ou tentando entendê-los (BRAIT, 2017, p.9).

Primeiramente, partindo de considerações sobre a personagem de teatro, Candido (2014) aponta que a peça e o texto teatral narram uma história que se desenvolve através de atos ou cenas e por meio de diálogos; no teatro as personagens constituem praticamente toda a obra, nada existe a não ser através delas. No teatro a personagem não precisa do narrador, pois a história não é contada, mas sim mostrada através dos personagens.

Adentraremos agora numa breve análise da *As bruxas de Salém*, escrita pelo dramaturgo norte-americano Arthur Miller em 1953. Miller nasceu em Nova Iorque, em 17 de outubro de 1915; filho de um casal judeu, seu pai um fabricante bem-sucedido de casacos, mas perdeu tudo pela Depressão de 29<sup>3</sup>, mudando assim a vida financeira da família. Em 1934 entra para Universidade de Michigan, formando-se em jornalismo. Ele ficou conhecido por ser o autor de grandes peças, como: *Morte de um Caixeiro Viajante (Death of a Salesman)* e *As bruxas de Salém (The Crucible)* e por ter sido casado com a atriz Marilyn Monroe. Morreu em 2005 aos 89 anos.

Em 1936, Arthur Miller recebe o prêmio de teatro Hopwood, pela peça *Honors at Dawn (Honras ao amanhecer)*, e posteriormente pela peça *No villain (Nenhum vilão)*. Em 1938 recebe o grau de Bacharel em Artes e recebe o prêmio Nacional do Teatro pela peça *They too arise (Eles também surgiam)*. Sua obra prima, *Death of a Salesman*, ganhou os mais importantes prêmios literários americanos como o Pulitzer Prize, o New York Drama Critics' circle Award, entre outros.

---

<sup>3</sup> Foi uma grande depressão econômica que início em 1929, como a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/crise-de-1929/>>. Acesso em: 25 maio 2019.

Mas Arthur Miller sofreu duras perseguições com o Macarthismo, principalmente quando publicou a peça *As bruxas de Salém*. Sobre essa peça, Pinheiro (2008, p.36) afirma que “Miller utilizou-se de um fato histórico do século XVII para alusão e crítica a um outro evento histórico no século XX”, mostrando através da Caça às Bruxas de Salem, uma construção alegórica aos ataques da censura daquele governo.

O macarthismo caracterizou-se como movimento político nos Estados Unidos liderado pelo senador Joseph Raymond McCarthy, a fim de evitar qualquer ação comunista e antiamericana no país. Neste período, uma verdadeira caça às bruxas, como também ficou conhecido esse período, ocorreu principalmente no meio cultural, no qual atores, escritores e editores foram perseguidos (PINHEIRO, 2008, p.35).

Miller sofreu por ser suspeito de simpatizar com o comunismo. Nesse contexto também cabem as considerações de Silva (2016) sobre a alegoria presente na peça. Para a autora, a alegoria se materializa a partir da comparação dos personagens fictícios com pessoas reais ligadas ao macarthismo, que podem ser resumidos nos seguintes: Abigail Williams como Joseph McCarthy, John Proctor como Arthur Miller, Tituba como Edward Dmytryk e Reverendo Hale como Edgar Hoover. A personagem protagonista Abigail Williams na peça, tem sua idade aumentada.

Mas a personagem não é retratada apenas na literatura, ela vai além da sua criação, passa a ser linguagem e imagem, ganhando uma fisionomia própria e “a partir dessa visão apresenta a noção semiológica da personagem não como um domínio exclusivo da literatura, mas como pertencente a qualquer sistema semiótico” (BRAIT, 2017, p.54).

O cinema e a televisão ganharam grande espaço nos últimos tempos, dialogando com gêneros literários de romance, comédia, terror, sobrenatural, fictício, dentre outros. E nesse espaço a personagem também tem grande importância, tanto no seu papel de intérprete como para os telespectadores. Através do teatro e da tela, as personagens transcendem o texto, sendo também pessoas físicas que interpretam a ficção. Assim, “a personagem de ficção cinematográfica, só começa a viver quando encarnada numa pessoa, num ator” (CANDIDO, 2014, p.114).

Assim como as telenovelas, as séries e filmes são uma criação audiovisual; cada um contém enredos, cenários, figurino, tempo, espaço e outros elementos semióticos característicos de sua própria estética. Como bem aponta Eder Sérgio Pinheiro (2008) sobre o cinema e os personagens, “o que ocorre geralmente nos filmes é a exposição, onde a encenação dos atores e as ações são feitas com o intuito de criar um interesse junto ao

espectador enquanto o filme evolui, até que todos os indícios fornecidos no filme a respeito de alguém ou algo sejam desvendados” (p.25).

### **3.2 A representação da personagem de ficção no teatro, cinema e na série: relações de diálogo**

Para começarmos uma análise comparativa através das duas personagens Abigail Williams na peça e no filme, e também Mary Sibley na série *Salem*, consideramos as palavras de Julia Kristeva (apud KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008), que aponta “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto”. Em outras palavras, não existe texto neutro, puro, original. Todo texto sempre remete a outros textos. O escritor apela para a sua memória discursiva e traz à tona enunciados que já tenha ouvido ou lido antes e, a partir daí ele constrói o seu texto:

Os enunciados não são indiferentes entre si, nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns aos outros. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva e deve ser visto como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 2010, p.297).

Logo, pode ocorrer um diálogo entre formas distintas de artes a partir da transposição intersemiótica “que se trata pois, da mudança de um sistema de signos para outro, e normalmente também de uma mídia para outra” (CLUVER, 2006, p.17), que produz significados que podem ser relacionados com a linguagem e outros sistemas de signos da natureza humana (PLAZA, 2010). Ademais, transposição ou tradução intersemiótica, como aponta Diniz (1998), “[...] tem sua expressão entre sistemas os mais variados. Entre as traduções desse tipo, encontra-se a das artes plásticas e visuais para linguagem verbal e vice-versa” (p.313).

Neste caso, vamos mostrar como ocorre o diálogo interartes do contexto histórico e da construção da personagem da bruxa em três mídias distintas. Inicialmente, a peça *As bruxas de Salem* nos mostra a personagem Abigail Williams, que se apresenta enquanto sobrinha do reverendo Parris. Abigail é uma jovem bonita de 17 anos, apaixonada por John Proctor. E nela percebemos uma conexão objetiva com o poder. Abigail carrega um desejo de estar em um relacionamento com John Proctor e para conseguir tal feito decide pôr em prática um feitiço para matar Elizabeth Proctor, esposa de John.

Na cena a seguir, que ocorre no começo da peça, vemos Betty Parris, a filha do reverendo Parris, acusar Abigail de ter praticado tal feitiço: “[BETTY] Você bebeu, bebeu! Você bebeu um feitiço para matar a mulher de John Proctor! Você bebeu um feitiço para matar a irmã Proctor” (MILLER, 2009, p.285). Após esse ocorrido, Abigail esbofeteia Betty para que ela pare de falar. Em seguida, Abigail ameaça se vingar de todas as outras garotas, caso elas comentem algo sobre o assunto.

Abigail, por ser vingativa, ameaçadora e controladora com as outras garotas, nos mostra seu lado negativo do arquétipo da Grande Mãe, remetendo assim à figura negativa da bruxa, já que as construções sociais do patriarcado criaram essa imagem negativa da projeção da *anima*, a mulher como um ser maligno. Ainda, segundo *Malleus Maleficarum* (2015) nenhuma mulher tem direito aos seus próprios pensamentos, muito menos a controlar algo ou de fazer alguma coisa, pois todo o mau foi atribuída à figura feminina.

Mais adiante na peça, percebemos a paixão de Abigail por John Proctor, quando esses se encontram na casa do Reverendo Parris:

[ABIGAIL] Diga alguma coisa para mim, John. Uma coisa doce. (*O desejo concentrado dela destrói o sorriso dele*)

[PROCTOR] Não, não, Abby. Isso já acabou.

... [ABIGAIL] (*agarra a mão dele antes que ele a solte*) John... eu quero você toda noite.

[PROCTOR] Abby, nunca te dei nenhuma esperança de ficar com migo.

... [ABIGAIL] Eu sei como você me agarrava por trás atrás de sua casa e suava feito um garanhão sempre que eu chegava perto! Ou será que eu sonhei isso? Foi ela que me expulsou, você não pode fingir que foi você. Eu vi a sua cara quando ela me mandou embora e você me amava naquela hora e me ama agora!

... [PROCTOR] Abby, posso pensar em você com carinho de vez em quando. Mas corto fora a minha mão antes de tocar você outra vez. Tirei isso da cabeça. Nós nunca nos tocamos, Abby.

[ABIGAIL] É, mas nós tocamos.

[PROCTOR] É, mas não nos tocamos (MILLER, 2009, p.287-288).

A partir desse momento podemos perceber que o Abigail é uma jovem sedutora, e a representação do arquétipo de Lilith é expresso através desta protagonista, e de acordo com Sicuteri (1985) “no caso em que um homem tivesse uma amante pensava-se logo em uma ação de Lilith com “espectro de família” ” (p.31). Assim como a serpente que é uma representação de Lilith fez com que Eva comesse o fruto proibido junto com Adão, Abigail com sua sedução e paixão, levou Proctor a cometer o adultério, sendo ela representada como diabólica. Nas palavras de Sicuteri (1985) a mulher que podia induzir um homem a submeter-se à vontade dela era considerada como figura da bruxa, que é uma das ideias que os puritanos tinham da figura feminina, como ocorre com a personagem Abigail Williams.



A cena que descrevemos acima a partir da peça de Miller (2009) é transposta para o filme homônimo com algumas alterações: a primeira é que eles se encontram fora da casa e a segunda é quando Abigail beija John Proctor, o que não ocorre na peça de Miller.

**Figura 3** - Abigail Williams beija John Proctor



**Fonte:** print do filme *As bruxas de Salém* (22:36 minutos)

No filme, depois que John Proctor sai da casa, Abigail vai até ele; os dois ficam próximos e conversam sobre o que está acontecendo. Na cena, os dois personagens parecem estar felizes ambos dão belos sorrisos e ele diz que tudo já acabou, mas depois do beijo eles discutem e ele vai embora.

Por outro lado, na série, dois personagens que dialogam com os que apontamos acima na peça de Miller (2009) e no filme de Hytner (1996) são o casal Mary e John Alden. Em *Salem*, eles são representados como dois jovens apaixonados. No seriado John vai embora para guerra, quando deixa Mary grávida, fato que a sociedade puritana não aceitaria. Tal fato na série dialoga com as ações desempenhadas por Abigail Williams, que seria acusada por adultério, pois diante da sociedade dominada e influenciada pela igreja, isto seria visto como um terrível pecado.

Na peça e no filme, Abigail começa a ser admirada pela coragem que tem em acusar outros hereges. Seu poder vem da sua voz, quando sua prima Betty fica doente, Parris chama o reverendo John Hale para examiná-la, quando já se espalha os boatos de bruxaria no vilarejo. Mas esse acontecimento, na verdade se trata apenas do ritual que as meninas: Betty Parris, Abigail Williams, Susanna Walcott, Ruth Putnam, Mercy Lewis, e Mary Warren tinham feito na floresta, que não passava de uma brincadeira de jovens fazendo pedidos de

casamento e que foi interpretado como feitiçaria por Parris, o reverendo de Salem. Elas seriam publicamente denunciadas como bruxas e condenadas à forca, caso o reverendo falasse algo diante do conselho, visto que duas delas, Betty Parris e Ruth Putnam, adquiriram uma doença inexplicável.

Pressionada, Abigail acusa primeiramente Tituba de todo o mau. Tituba ao tentar escapar fala que serve ao demônio, mas que gostaria de ser salva e de estar com Deus. Hale fala que Tituba foi colocada para descobrir o mal em Salem, pelo fato desta começar a acusar mulheres de bruxaria para se salvar. É neste mesmo momento que Abigail também confessa que esteve com o Diabo e que deseja ser salva:

*Abigail se levanta, parecendo inspirada, e grita.*

[ABIGAIL] Eu quero me abrir! (*viram-se para ela, perplexos. Ela está tomada, como se envolta numa luz perolada*) eu quero a luz de Deus, quero o doce amor de Jesus! Eu dancei para o Diabo; eu vi o Diabo; escrevi no livro dele; eu volto para Jesus; beijo Sua mão. Eu vi Sarah Good com o Diabo! Vi a irmã Osborn com o Diabo! Vi Bridget Bishop com o Diabo! (MILLER, 2009, p.307).

No filme *As bruxas de Salém*, a cena retratada abaixo representa de forma pontual os fatos expressados na peça de Miller. Na figura 4 vemos Abigail ajoelhada diante dos puritanos na casa do Reverendo Parris. A jovem confessa ter servido ao Diabo, mas na verdade apenas bebeu o sangue de galinha.

**Figura 4** - Abigail confessa que esteve com o Diabo



**Fonte:** print do filme *As bruxas de Salém* (34:09 minutos)

Ainda sobre essa cena, descrita na peça e de forma semelhante no filme, depois que Tituba acusa as mulheres de bruxaria, Abigail começa também a acusar outras, e logo em seguida todas as meninas em um momento de histeria coletiva, começam a gritar os mesmos nomes. A partir desse momento Abigail Williams começa a ter um poder diante de todos, como acusadora de bruxas, junto com as outras meninas, sendo ela a líder do grupo. E elas estabelecem um pacto onde afirmam ser perseguidas por visões em que vários habitantes de Salem aparecem praticando bruxaria.

Dessa forma apontamos os fatos que cercam a representação da personagem Abigail da peça e do filme podem ter sido baseados em documentos históricos. As acusações eram feitas por qualquer pessoa que era acusada de bruxaria para tentarem livrar-se da tortura ou pena de morte. Eles diziam que se entregavam ao demônio e que tinham feito pacto para serem isentos dos castigos e torturas. “Por fim, se o juiz perceber que a bruxa não vai admitir os crimes, há de perguntar-lhe se, para provar-lhe a inocência, ela está disposta a submeter-se ao ordálio<sup>4</sup> pelo ferro incandescente” (KRAMER E SPRENGER, 2015, p.441). Depois que elas passavam pela tortura e confessam seus “crimes”, os juízes ainda iriam proceder a sentença final.

É importante ressaltar que uma das pessoas acusadas de bruxaria no contexto histórico real de Salem tem o nome de Mary Sibley: “Sibley, Mary: 32 anos, vizinha da paróquia, grávida e preocupada. Sugere e supervisiona a confecção do bolo de bruxa na casa dos Parris” (SCHIFF, 2019, p.10). Ademais, vemos também a inserção dessa personagem histórica real no filme e posteriormente na série. Em *Salem*, Mary é caracterizada como uma personagem que só ganha poder após fazer um pacto com o Diabo e quando se casa com George Sibley, um dos fundadores do conselho em Salem, tornando-se assim Mary Sibley, a mulher mais rica de Salem. Essas cenas são descritas entre o primeiro e o sexto episódio da primeira temporada.

Apontamos que o arquétipo coletivo presente na cena acima trata-se de um contexto real, visto que, historicamente é um período conhecido diante da sociedade, um período do século XVII que ocorreu a Caça às Bruxas no vilarejo de Salem.

De acordo com Jacobi (2016, p.150-151), “Para compreendê-las, é conveniente recorrer ao mundo de imagens coletivas, como estão contidas em lendas e contos de fadas, mitos e poesias ou nos símbolos culturais e religiosos da história humana”. O arquétipo coletivo pode

---

<sup>4</sup> Significa prova judiciária destinada a inocentar ou inculpar um acusado. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/ordalio/>>. Acesso em: 25 maio 2019.

se desenvolver através de imagens que existiram em todo tempo e lugar, sendo essas imagens projetadas em lendas, histórias, entre outros.

Para Jung (2000, p.51) “O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de quem não deve sua existência às experiências pessoais, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal”, ou seja, através do universal, de que foi passado de geração para geração, no caso da perseguição das bruxas.

Como a peça de Arthur Miller (2009) e o filme homônimo que citamos anteriormente, a narrativa de *Salem* mistura fatos reais com ficção, com a existência de bruxas, sabás, rituais e sacrifícios que enfatizam ainda mais o conceito místico por trás da vila de Salem. No tocante à estética visual da série, percebemos que a ambientação e o tempo meteorológico exibidos na tela quase sempre são representados através de uma fotografia escura, sem cores vivas, com a maior presença de uma paleta de cores preta e cinza. Além do mais, em poucos episódios vemos personagens utilizar de figurinos com cores mais vivas, vibrantes. Os personagens que usam roupas de tons mais tingidas são as mais ricas, como também ocorre no filme *As bruxas de Salém*.

No seriado, mais do que na peça e no filme citados, observamos uma maior representação do poder feminino na sociedade puritana de Salem, e também o fanatismo religioso no contexto histórico que resultou na Caça às Bruxas. A série optou por mostrar bruxas belas entregues ao Satanismo, mesmo tendo bruxas velhas e feias, as anciãs como Rose, uma das bruxas mais velhas que trabalhava na casa George Sibley, e Mab, dona de um cabaré. Sendo assim, Azenha (2012) afirma que “a tipologia de bruxa a que nos dedicamos é distinta daquela concebida pelo imaginário infantil e que forma parte, por exemplo, dos contos de fadas” (p.34).

A série se inicia em 21 de setembro de 1685, sete anos antes do acontecimento histórico. Na cena introdutória de *Salem* vemos um casal sendo acusado por fornicação e depois uma nova cena se inicia após sete anos, ou seja, em 1692, ano da Caça às Bruxas em Salem. Apresentamos a cena em que Mary Sibley faz o pacto em troca de poder e de não ser julgada pela sociedade por sua gravidez. Através do pacto, o bebê “some” da barriga de Mary Sibley.

**Figura 5** - Mary entrega seu filho para o Diabo



**Fonte:** print da série *Salem* (E01T01 06:48 minutos)

Nesta cena, Mary e Tituba vão para floresta fazer um pacto. Mary, ainda incerta de iniciar a aliança, tem visões com seu amado John Alden, e depois uma divindade sobrenatural aparece. Para Carvalho (2018) não fica tão claro qual seja esta divindade, mas as imagens se associam a do deus cornífero, representado por um ser metade homem e metade bode com chifre, e alguns insetos ficam em cima do seu corpo até ela dizer sim para essa divindade; depois disso sua barriga desaparece.

Podemos também relacionar essa cena do pacto de Mary Sibley, em *Salem*, às palavras dos teóricos Kramer e Sprenger (2015): “...é necessário, para tal, que se faça um pacto com ele, pelo qual a bruxa de fato e verdadeiramente se torna sua serva e a ele se devota” (p. 57). Para os autores, a maioria dos pactos eram feitos pela figura feminina e através dessa aliança, elas seriam capazes de causar males aos outros e também ganhariam poderes. Em *Salem*, a personagem Mary tem como poder principal o uso do fogo, “elemento da mudança, da paixão, da vontade [e que] tem o poder de destruir e de transformar” (AMARANTHA, 2015, p.43).

Posteriormente quando faz o pacto com a ajuda de Tituba, Mary se casa com George Sibley, possuindo agora mais poder diante a sociedade. Mas apesar de deter certo poder, essa personagem passa dois anos sendo submissa a seu esposo: cansada de tal situação, e para acabar com o seu sofrimento, Mary enfeitiça o esposo. Nesse momento apontamos também uma relação de Mary Sibley como o mito de Lilith, figura feminina que se opôs e deixou de ser submissa ao seu esposo. Lilith era contra a submissão que lhe foi imposta por Deus, e conseqüentemente, ela “é marcada pelo seu desejo de liberdade, de autodeterminação,

espontaneidade no modo de agir, de escolher e decidir, ou seja, quer os mesmos direitos do homem” (GOMES; ALMEIDA, 2007, p.11), do mesmo modo que Mary, com o seu desejo de se libertar de George, deixa de ser submissa a ele, controlando sua vida, como também a vida dele, bem como o vilarejo Salem.

É neste momento que Mary vê sua verdadeira face como bruxa, através do espelho, como vemos na figura 6.

**Figura 6–** Face de Mary como bruxa



**Fonte:** *print* da série *Salem* (E06T01 14:37 minutos)

Esta cena ocorre quando Mary está contando para Mercy Lewis<sup>5</sup> o que ocorrera depois da primeira noite com seu esposo, na qual ela revela não ter sentido prazer algum. Em seguida, ela levanta e com nojo acaba por vomitar, quando olha para o espelho e vê sua nova face como bruxa. A partir da imagem 6, vemos o estereótipo do arquétipo grotesco e medonho da caracterização da bruxa, como velha, disforme e mesmo monstruosa, como nos contos de fadas e lendas. O foco nas cores cinza e preto nos lembram a fotografia dos filmes de terror, que investem em nuances escuras e claras, às vezes simultaneamente, para enfatizar o medo e o suspense da atmosfera narrativa.

Utilizando-se mais uma vez de artes negras, Mary Sibley junta-se a Tituba e ambas põem o espírito de Mary (seu familiar, representado por um sapo) dentro de George, fazendo-o engolir esse anfíbio.

<sup>5</sup> Na série, Mary Sibley transforma Mercy em uma bruxa com o intuito de controlar as pessoas.

Segundo Murray (2003, p.177) “os familiares podem ser divididos em dois tipos: 1) aqueles pelos quais as bruxas eram descobertas; 2) aqueles que cuidavam das bruxas, obedecendo aos seus comandos”. Esses familiares são adquiridos com o tempo, e eles podem vir em forma de gatos, sapos, ratos, entre outros, sendo alimentados por sua bruxa, deixando assim sua marca no corpo, a famosa marca das bruxas ou marca do demônio. “A marca das bruxas, ou a marca do demônio, como são chamadas de forma indiferente, era uma das considerações mais importantes na identificação de uma bruxa, pois sua colocação acontecia no final do rito da cerimonia de admissão” (MURRAY, 2003, p.77).

Ademais, Mary só retira seu familiar para alimentá-lo diariamente. A presença do animal dentro do corpo do seu esposo, faz George Sibley parecer doente, embora só esteja enfeitiçado, sem falar, ou se mover, o que torna a personagem mais poderosa diante do conselho de Salem. Neste momento George não tem fala, e a sua voz é a de sua esposa, que é duplicada no familiar. Sendo assim George passa a ser submisso à sua esposa; ela consegue manipulá-lo, já que ele depende de tudo dela. Esse desejo, de certa forma, seria o que Lilith gostaria de ter em relação ao seu esposo, não o fato dele ser submisso a ela, mas igualdade entre ambos.

Diferente de *As bruxas de Salém*, peça e filme, em que Abigail Williams acusa Tituba de bruxaria, em *Salem, Mary* e Tituba são amigas desde a infância.

**Figura 7** – Mary colocando o seu familiar em George



Fonte: print da série *Salem* (E01T01 27:59 minutos)

A imagem acima ocorre quando Mary Sibley retira seu familiar para alimentá-lo. George tenta pedir socorro, mas logo em seguida Mary coloca mais uma vez o animal dentro do corpo do esposo. Na cena podemos também fazer alguns apontamentos. O fato do sapo impedir que George profira qualquer palavra, indica uma submissão do esposo à Mary, uma vez que agora mesmo sua voz pertence à Mary Sibley. Ainda, a incapacidade física de se locomover demonstra sua dependência em relação esposa. Assim, através de feitiços, a personagem adquire poderes que calam o discurso masculino e enfatizam ainda mais o poder feminino da bruxa.

Ao longo das temporadas de *Salem* vemos que a personagem de Mary Sibley apenas ganha características espirituais do arquétipo da Grande Mãe, mas na maioria em seu aspecto destruidor. Mary então é a escolhida pelas anciãs para fazer o Grande Ritual. Essas outras bruxas precisam de 13<sup>6</sup> vítimas inocentes para realizar um sacrifício, mas essas pessoas devem ser brutalmente assassinadas para que o ritual seja bem sucedido: para trazer o Diabo à terra, tendo como o último sacrifício oferecer algo que Mary Sibley realmente ame. No caso de Mary será seu filho que foi escondido durante sete anos, aquele que dela foi tirado no primeiro episódio no momento do pacto.

A protagonista consegue manipular e usar os puritanos para matar pessoas inocentes através de Mercy Lewis, que acusa as pessoas de bruxaria, como também faz a protagonista Abigail Williams ao manipular os putitanos do viralejo. No primeiro episódio, Mercy está possuída por uma serpente, sendo Mary a responsável por colocá-la e enfeitiçá-la, mais uma vez a presença da projeção de Lilith, já que ela é considerada a serpente-demônio-mulher. Assim, Mary Sibley acusava indivíduos, sendo pessoas inocentes a serem mortas para o sacrifício do grande ritual.

O poder de Mary é crescente na primeira temporada. Um exemplo disso é no sétimo episódio, *Our private America (Nossa América particular)*, quando ela se torna a nova anciã, já que a outra foi morta por Mercy. Ainda, a primeira temporada termina com a iniciação do grande ritual, feito que nenhuma bruxa tinha conseguido até então.

Mary utiliza Mercy para acusar outras pessoas. Essas ações dialogam também com o filme *As bruxas de Salém*, em que Abigail e outras meninas acusam igualmente outras pessoas de bruxaria, principalmente por elas dizerem que apresentam sintomas de que foram enfeitiçadas, fazendo com que os reverendos e magistrados acreditassem nelas. Na peça de

---

<sup>6</sup> Simbologia do número treze, desde a Antiguidade Clássica, é o número do azar, o portador de coisas más. Nas Sagradas Escrituras, o capítulo 13 do livro do Apocalipse faz referência ao anticristo e à besta. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/numero-13/>>. Acesso em: 25 maio 2019.



Arthur Miller (2009), o objetivo da protagonista é vingar-se de John Proctor. No segundo ato da peça, Abigail manda Mary Warren entregar uma boneca para Elizabeth Proctor na intenção de acusá-la e ter provas para culpá-la posteriormente:

[CHEEVER] Me deram dezesseis mandados agora a noite. E um é dela.  
 [PROCTOR] Quem acusou?  
 [CHEEVER] Ora, pois Abigail Williams acusou ela.  
 ...[CHEEVER] (olha a sala) Senhor Proctor, eu tenho pouco tempo. O tribunal mandou eu revistar sua casa, mas eu não gosto de revistar uma casa. Então o senhor pode me entregar as bonecas que sua mulher guarda aqui?  
 (MILLER, 2009, p.326-327).

Na peça, temos apenas essa descrição, diferentemente do filme, que mostra o momento da acusação, embora não temos acessos às falas, apenas os movimentos na tela. Na cena a seguir, vemos o momento em que Abigail Williams faz a acusação sobre Elizabeth Proctor.

**Figura 8** – Abigail acusa Elizabeth de colocar agulha nela



**Fonte:** *print* do filme *As bruxas de Salém* (53:00 minutos)

No filme, vemos a cena que ocorre depois que Abigail é rejeitada por Proctor e enfurecida, vai até onde estão os ministros, fingindo que uma agulha está saindo de sua barriga, agulha que encontraram dentro da boneca que está na casa dos Proctor. Ao utilizarmos a imagem em *print*, percebemos que as feições da personagem Abigail Williams nos lembram a de uma boneca de porcelana devido ao excesso de brilho no rosto, realizado através do procedimento de maquiagem no filme. A imagem também pode acarretar outras leituras diferentes da que vemos em *print*: ao lembrar as feições de uma boneca, a própria

Abigail Williams incorpora em seu personagem o ato que fez para incriminar Elizabeth Proctor, ou seja, ela mesma aparenta ser a boneca que foi usada nos atos de incriminar os Proctors, resultando numa previsibilidade da narrativa fílmica.

Abigail se torna uma garota que todos começam a venerar, mas que todos têm medo dela acusá-los. Na peça de Miller, Abigail só para de acusar pessoas quando vai embora de Salem, depois que John a acusa de ser sua amante; esta acusação não sucede já que Elizabeth não confirma o caso dos dois. Em *As bruxas de Salém* (1996), Abigail acusa esposa de pessoas importantes, o que faz os magistrados puritanos não saber em quem mais acreditam. Por fim, na peça de Miller (2009) ela vai embora de Salem acompanhada de Mercy Lewis, enquanto no filme, parte sozinha.

Uma grande cena do poder feminino de Mary é quando mesmo deixando de ser uma bruxa, já que o Diabo tira todos os seus poderes elementares: terra, ar, água e o principal, o fogo: no E03T03 *The reckoning* (*O Cálculo*). Em outro episódio, especificamente no E07T03 *The man who was thuesday* (*O homem que foi quinta-feira*), Mary Sibley consegue matar o Diabo com a ajuda de todas as outras bruxas Essex.

**Figura 9**– As bruxas Essex dão poder a Mary



**Fonte:** print da série *Salem* (E07T03 37:01 minutos)

Na cena retratada acima, quando todas as bruxas Essex se matam, transmitem o poder para Mary. Essa, por sua vez se banha no sangue de todas as outras, o que faz surgir seu poder sobrenatural.

Portanto, observamos a partir das personagens Abigail e Mary representam o arquétipo da Grande Mãe, em seus pontos positivos e negativos. Abigail possui aspectos negativos, como o poder de destruição de acusar e condenar várias pessoas de bruxaria, levando-as à morte. Da mesma forma, Mary Sibley faz com que os puritanos matem uns aos outros, com o objetivo de concluir o grande ritual e ainda enfeitiça pessoas e mata uma das bruxas de Essex.

Apesar de durante a série Mary não utilizar suas próprias mãos para matar alguém, ela ordena que Mercy mate Rose cortando sua garganta, pois descobre que Rose trouxe o Malum para Salem sem a sua permissão. O Malum é “uma maçã esculpida com diversos símbolos, é, de fato um pequeno vaso ou recipiente que contém a praga que as bruxas libertam no final da primeira temporada” (CARVALHO, 2018, p.44). Rose também fez com que George Sibley tivesse mandado John Alden para a guerra, deixando assim Mary sem seu amado, e da mesma forma Rose tentou matar John.

Em Salem, o Malum [objeto utilizado para feitiço] é uma maçã, o que nos leva obviamente ao fruto do conhecimento do Bem e do Mal do mito Edênico. A Bíblia não nos diz exatamente qual era esse fruto, mas a tradição popular atribui o mesmo a uma maçã – fruto sagrado para Vênus. [...] É sabido que, para diversas vertentes da Arte, o mito Edênico é uma tradução do próprio atavismo de onde flui o “Sangue-Bruxo”, onde a Serpente, vindo como uma libertadora da opressão do Deus/Demiurgo, permite à primeira mulher e ao primeiro homem que comam do fruto e, portanto, se tornem sábios como os deuses (CARVALHO 2018, p.44 apud CARVALHO E FONTOURA, 2015).

Nesta visão, Eva e esse fruto seriam considerados uma forma de libertação para a humanidade, o que destoa do mito mais popular e cristão da maçã, simbolicamente atribuída ao pecado de Eva e considerado como o fruto proibido do Éden, que traria assim o mal e o pecado para o mundo.

Mas, Mary também tem seu lado positivo, com o seu amor verdadeiro por John Alden e seu filho, além do cuidado que tem por seu amigo de infância Isaac. A personagem sempre lutou com outras pessoas para proteger e defender que ela ama. Sendo assim, além do arquétipo da bruxa presente nelas, temos também o arquétipo da Grande Mãe.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho foi realizado a partir de estudos que discutem o arquétipo da bruxa na perspectiva de Carl Gustav Jung, aspectos que podem ser entendidos como um conjunto de imagens a ser designadas e compartilhadas por pessoas de todas as gerações, formando conhecimento e o imaginário no inconsciente coletivo. Aliando assim o contexto histórico da Caça às Bruxas nos EUA do século XVII e do mesmo modo as lutas das mulheres por uma sociedade mais justa no século XIX, apresentamos uma leitura de como essa personagem tão comum na cultura popular é representada em três mídias distintas: a peça *As bruxas de Salém*, de Arthur Miller, no filme homônimo *As bruxas de Salém* (1996) e na série televisiva *Salem* (2014-2017).

Como recorte principal, analisamos como a imagem da bruxa e da mulher é representada por meio das personagens de Abigail Williams, na peça e no filme, e Mary Sibley, na série televisiva. Tecendo diálogos existentes entre essas três mídias, mostramos como o poder feminino liderava em uma sociedade dominada pelo poder da Igreja, onde somente os homens tinham o direito de tomar frente às decisões desta comunidade, excluindo a voz feminina desse contexto, diante de uma sociedade que considerava as mulheres como o mal. Na série *Salem*, as bruxas se escondem para não serem perseguidas ou mortas pela denominada Caça às bruxas, pois para os Puritanos, as mulheres com habilidades ou dons não cristãos, eram consideradas bruxas, como as curandeiras, parteiras entre outras, pois, para a sociedade só os médicos tinham essas capacidades.

Desta forma, em ambos peça e filme *As bruxas de Salém*, a personagem de Abigail Williams, toma a frente esse poder de liderança como acusadora de bruxas diante ao conselho de Salem, bem como a personagem de Mary Sibley usufruí desse poder na série, poder este que era inteiramente regido pelos magistrados e reverendos de Salem. Portanto, o objetivo do presente trabalho não é apenas apresentar o arquétipo da bruxa ou mesmo o poder feminino, é fundamentalmente proporcionar a discussão de assuntos como diálogos entre interartes, bem como discutir como a ficção pode se apropriar e/ou se basear em fatos do contexto histórico da Caça às Bruxas na Europa e em Salem para criar histórias.

A peça e o filme *As bruxas de Salém*, e a série *Salem* trazem à tona o poder feminino e como ele pode ser influenciador na sociedade patriarcal, mostrando-nos como a opinião feminina também pode influenciar nas decisões desta mesma sociedade, diante tantas lutas por uma sociedade igualitária entre mulheres e homens.

Para finalizar, apontamos que o arquétipo está presente em ambas as mídias, trazendo novas roupagens sobre como pensar o arquétipo da Grande Mãe. E quebrando a imagem estereotipada da bruxa como apenas a representação da velha feia com uma berruga, que gosta de crianças. A personagem Mary Sibley, que é uma bela mulher, determinada e com poderes, assim como a personagem Abigail Williams.

Concluimos essa pesquisa ressaltando a importância de levar para a academia estudos questões da imagem da bruxa e como a História tem construído essa imagem. Além disso, ressaltamos a importância do feminismo na literatura e no audiovisual, trazendo uma representação diferenciada de como a bruxa é vista diante da sociedade tanto no contexto histórico como no arquétipo coletivo, pode ser utilizada na desconstrução de estereótipos da bruxa e principalmente na representação da figura feminina.

## REFERÊNCIAS

- AMARANTHA, Ayla. *Diário mágico de uma bruxa*. Brasil: clube de autores, 2015. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/67324671-Diario-magico-de-uma-bruxa.html>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
- AS BRUXAS DE SALEM. Produção Nicholas Hytner. Estados Unidos: 20th Fox, 1996. DVD (123 minutos).
- AZENHA, Jucely Aparecida. *O arquétipo da bruxa: de Aura a Inquieta companiã*. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93860>>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BRAIT, Beth. *A personagem* / Beth Brait. – 9. Ed. – São Paulo: contexto, 2017.
- CABOT, Laurie. *O poder da bruxa: a terra, a lua e o caminho mágico feminino* / Laurie Cabot com Tom Cowan; tradução de Álvaro Cabral. – 3ª ed – Rio de Janeiro: Campus, 1992. Disponível em: < <https://oficinadasbruxas.com/wp-content/uploads/2014/01/o-poder-da-bruxa.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2019.
- CANDIDO, Antonio. *A Personagem de ficção* / Antonio Candido ... [et. al.]. – São Paulo: Perspectiva, 2014. – (Debates; 1 / dirigida por J. Guinsburg) 1. reimpr. da 13. ed. de 2014, outros autores: Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes.
- CARDOSO, Adelaide Filomena Amaro Lopes. *As Religiosas e a Inquisição no Século XVII Quadros de vida e espiritualidade*. 2003. 209 f. Dissertação (Mestrado em História Moderna) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2003. Disponível em: < <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10852>>. Acesso em: 14 mar. 2019.
- CARVALHO, Isabel Cristine Machado de; DA ROCHA NETO, Manoel Pereira. As representações de bruxaria na série Salem: um estudo comparativo. *Verso e Reverso revista da comunicação*, v. 32, n. 79, p. 34-45, 2018 Unisinos. Disponível em: < <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2018.32.79.04/60746088>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
- CLÜVER, Claus. Inter textos / inter artes / inter media. *Aletria. Revista de estudos de literatura*. Belo Horizonte: CEL, FALE, UFMG, n. 14, p. 10-41, jul-dez. 2006. Disponível em: < <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357/1454>>. Acesso em: 11 abr. 2019.
- COUTO, Sérgio Pereira. *Os segredos da Bruxaria*. - São Paulo: Universo dos livros, 2009.
- DINIZ, Thaís Flores Nogueira. Tradução Intersemiótica: do texto para a tela. *Cadernos de Tradução*, v. 1, n. 3, p. 313-338, 1998. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5390/0>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem* / Clarissa Pinkola Estés; tradução de Waldeá Barcellos. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. *Obras completas, volume 2: estudos sobre a histeria* (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer / Sigmund Freud; tradução Laura Barreto; revisão da tradução Paulo César de Souza – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GOMES, Antonio Maspoli de Araújo; ALMEIDA, Vanessa Ponstinnicoff de. O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea. *Revista digital de estudos em religião âncora*, 2007. Disponível em: <[http://revistaancora.com.br/revista\\_2/01.pdf](http://revistaancora.com.br/revista_2/01.pdf)>. Acesso em 02 maio 2019.

JOCABI, Jolande. *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung* / Jolande Jocobi; com prefácio de C.G. Jung e 5 ilustrações; tradução de Milton Camargo Mota. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. – (Coleção Reflexões Jungiana).

JUNG, Carl Gustav. 1857-1961. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* / C.G. Jung; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. – 2ª ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wpcontent/uploads/2015/05/jung-c-os-arquetipos-e-o-inconsciente-coletivo.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

KOCH, I, V; BENTES, A, C; CAVALCANTE, M, M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. 1430-1505. O martelo das feiticeiras. Introdução histórica, Rose Marie Muraro; prefácio, Carlos Byington; tradução de Paulo Fróes. – 27ª ed. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003. Disponível em: <[http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india)>. Acesso em: 25 maio 2019.

MILLER, Arthur. As bruxas de Salém. In: \_\_\_\_\_. *A morte de um caixeiro-viajante e outras 4 peças*. Editora: Companhia das letras, 2009. p.269-385.

MURRAY, Margaret. *O culto das bruxas na Europa Ocidental*. Tradução: Getúlio Elias Schanoski Júnior. Madras Editora LTDA - São Paulo – SP, 2003.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres* / Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Côrrea]. – 2. Ed. 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

PINHEIRO, Eder Sergio. *Aspectos discursivos em as Bruxas de Salém: peça e filme*. / Eder Sergio Pinheiro. 2008. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2272>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista. Sociol. Polít*, Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, Jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 22 fev.2019.

PLAZA, Júlio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva; Brasília, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico* [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 25 maio. 2019.

RANGEL, Maria Theresa Targino de Araújo. *Histórias e ficção na construção do conflito trágico em As Bruxas de Salém, de Arthur Miller*. 2011. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6166>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

RIOS, Dermal Ribeiro. *Minidicionário escolar da língua portuguesa* - São Paulo: DCL, 2007.

SALEM. Produção de Adam Simon e Brannon Braga, Estados Unidos: WGN America, 2014-2017. Série. Disponível em: <<https://megahdfilmes.com/series/salem/>>.

SCHIFF, Stacy. 1961- As bruxas: intrigas, traição e histeria em Salem/ Stacy Schiff; tradução José Rubens Siqueira. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: a lua negra*. Tradução de Norma Telles, J. Adolpho S. Gordo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra (1985). Disponível em: <[https://www.academia.edu/7477555/Lilith\\_a\\_lua\\_negra](https://www.academia.edu/7477555/Lilith_a_lua_negra)>. Acesso em: 07 maio 2019.

SILVA, Rosilda João da. *Feiticeiras ou comunistas: um estudo sobre a alegoria na peça As bruxas de Salém, de Arthur Miller*. 2016. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/11722>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

SILVEIRA, Danieli Munique Fontes da. *O arquétipo da Grande Mãe na representação da bruxa em contos fantásticos hispânicos contemporâneos*. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/138421>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todos, todes e todos*. - 6ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.